

OS SUJEITOS DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM VITÓRIA DA CONQUISTA

Renata Santos Soares
Pos - Graduada em Geografia pela Universidade Estadual
do Sudoeste da Bahia- UESB
E-mail: natasoaresmx@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo é um ensaio sobre os sujeitos produtores do espaço urbano em Vitória da Conquista, buscando compreender como se dão estas relações. Para isto foi feita uma análise sobre o espaço urbano, especialmente da Avenida Olivia Flores, mas propriamente do trecho que fica nas proximidades da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, e uma pesquisa bibliográfica, tentando compreender melhor essa situação.

Palavras-Chave: Agentes, Espaço urbano, Modeladores.

Resumen

El presente artículo es un ensayo sobre los sujetos productores del espacio urbano en Vitória da Conquista, buscando comprender como si dar estas relaciones. Para esto fue hecha una análisis sobre el espacio urbano especialmente de la avenida Olivia Flores pero propriamente de lo trecho que queda em lãs proximidades de la universidad Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB y una investigación bibliográfica, tentando comprender mejor esa situación.

Palabras- Clave: Agentes. Espacio urbano, Modeladores.

Introdução

O presente artigo é um ensaio sobre a produção do espaço urbano em vitória da Conquista em especial da Avenida Olivia Flores trecho que fica próximo a UESB buscando compreender como se dão as relações de poder e também de manutenção deste espaço.

Para tal análise, foi necessário desenvolver uma pesquisa bibliográfica e também de campo, quando foi preciso que fotos fossem tiradas para que se pudesse verificar essa realidade com mais precisão.

O referencial teórico utilizado constitui-se principalmente em estudiosos do espaço urbano tendo em Carlos (1997) e Gomes (2006) seus principais representantes.

Produtores do espaço urbano

Os sujeitos da produção do espaço são os grandes proprietários, que produzem para o capital e não para atender a população.

“O espaço é assim uma construção social [...]” (GOMES, 2006, p.125) Como Gomes nos diz o espaço é uma construção social e como tal é construído por agentes produtores deste espaço que são tanto a população em geral, o governo com seu poder e autoridade, como as pessoas que possuem recursos suficientes para controlar este poder que as autoridades possuem, ou seja, os grandes controladores do espaço e produtores deste na verdade são aqueles que possuem capital, pois estes acabam que controlando tudo pelo simples fato de possuir aquilo que move a sociedade a qual estamos inseridos (o dinheiro). A população em geral ela sim produz espaço, modela este mas o que vai ter status, que move capital, acumulação são construídos por aqueles que possuem o poder em mãos e por isto iremos dar ênfase neste trabalho para falar sobre esses produtores do espaço discutindo essa relação, que por sua vez segrega, dicotomiza não só os espaços mas também as pessoas.

A sociedade capitalista rege os sistemas, as condutas das pessoas, o lucro é o principal objetivo deste modelo. Quanto mais se tem mais se quer, as pessoas se tornam individualistas, a acumulação é a meta. Os espaços são produzidos, reproduzidos com o principal objetivo de atender os requisitos desta sociedade que investe nos espaços vazios, e em outros que já são construídos e demolem uns para a construção de outros que poderão ter mais serventia para este modelo, o lucro como principal objetivo. O novo como status de melhor.

[...] a busca do incessantemente novo, como imagem do progresso e do moderno, transforma a cidade num instantâneo, em que novas formas urbanas se constroem, sobre outros com profundas transformações na morfologia, revelando uma paisagem em constante transformação. [...] (CARLOS, 2004, p.9)

A busca do novo, do moderno, é uma constata na cidade, e em Vitória da Conquista a lógica é a mesma o espaço é modificado para atender os requisitos do capital que busca o melhor para seu sistema e o melhor neste contexto é o novo, o que é melhor se adapta a sua manobra para acumular cada vez mais.

O investimento pesado que se faz no espaço são feitos para atender a uma classe que quer dominar, que precisa se desenvolver para conquistar outros espaços, para conquistar poder, para poder se efetivar com sucesso. Os espaços são preenchidos com o intuito de favorecer a um determinado mercado que privilegia status, que dá valor ao dinheiro e exclui

as pessoas de todo processo, estas só são reconhecidas enquanto massa para poder aumentar cada vez mais esses espaços com a sua principal ferramenta vista sob a ótica dos capitalistas o seu trabalho. O espaço urbano por sua vez são vistos por estes como lucro, reconhecidos como fontes de riquezas, de detenção de poder. A cidade assim é construída por homens como Carlos (2004) vem nos falar: “A cidade, considerada uma construção humana, é um produto histórico-social, nesta dimensão aparece como trabalho materializado, acumulado ao longo do processo histórico e desenvolvido por uma série de gerações. [...] “(p.7) Quem produz não é o que se apropria do espaço, ou seja, o trabalho é de milhares de pessoas que não tem a possibilidade de morar naquilo que produziram, que nem ao menos tem os recursos suficientes para poder circular nestes espaços e assim desta forma são excluídos do processo de apropriação.

O espaço urbano capitalista- fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas- é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. São agentes sociais concretos, e não um mercado invisível ou processos aleatórios atuando sobre um espaço abstrato. A ação destes agentes é complexa, derivando da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção, e dos conflitos de classe que dela emergem. (CORRÊA, 1993, p.7)

O espaço é constantemente reproduzido para melhor atender o capital. Em Vitória da Conquista esta lógica é nítida, espaços que antes não eram ocupados, áreas que pouco interessava aos indivíduos hoje já são lugares com alto valor de mercado. Um exemplo disso são as áreas perto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia(UESB), que antes pouco se notava construções e /ou empreendimentos, mas agora a venda destes espaços é significativa e suas construções também.

Espaços caros que só são apropriados por aqueles que tem muito poder, pois estes espaços requerem alto investimento e também possuem alto valor.

[...] A hierarquia social esta no cerne do processo de produção espacial, que é cada vez mais, expressão da articulação hierarquia social, hierarquia espacial, revelando a realidade imposta pelas formas de acesso á propriedade privada da terra urbana, numa sociedade profundamente cindida pelas diferenças de renda. [...] (CARLOS, 2004, p.39)

A realidade que é posta é exatamente de segregação, e neste caso específico espacial e social, pois se determinado espaço é construído para atender somente uma parcela da

sociedade fica claro que é uma questão social que diz quem pode e quem não pode participar de determinados circuitos, determinados espaços, ficando a população a mercê das regras que são governados pelo sistema que por sua vez é movido por dinheiro e este que designa as ações das pessoas, impondo limites se a pessoa não possuir o dinheiro suficiente para estar em determinados lugares.



Figuras 1: Placa de vende em terrenos próximos a UESB.

Fonte: SOARES, Renata Santos (2011)



Figura 2: Placa de vende em terreno próximo a UESB

Fonte: SOARES, Renata Santos. (2011)

Através destas imagens pode-se perceber que o espaço naquela região está muito cobiçado, e por isso os proprietários já colocam suas placas de vende, em busca de propostas melhores, as mais significativas são levadas em conta, pode-se observar que estas chamam atenção e estão bem visíveis para qualquer um que passa em frente. Nota-se que estes tiveram uma ótima ideia em inserir estas placas, pois este trecho é percorrido por várias pessoas, sejam os transeuntes aqui os (que praticam exercícios físicos nessa rota), por pessoas que transitam naquela região seja de carro e até de ônibus. Todos estes indivíduos citados que circulam por ai podem ver muito bem essas placas e se tiverem algum interesse entrar em contato com o proprietário o que em tese facilita e muito a venda.

Não só os grandes empresários investem nessas áreas, mas o próprio poder regulador também investe, o (Centro Municipal de Atendimento Especializado) CEMAE situado nessa região é para atender uma população que não é privilegiada socialmente, mas que tem de sair de bairros distantes para serem atendidos. Quando se pensa nessa situação pessoas que se deslocam de suas casas para serem atendidas do outro lado da cidade pode-se observar que muitos acabam ganhando com esta relação e esses muitos, que fique bem claro aqui não é a população carente, mas sim os empresários de transporte que lucram bastante com a ida e vinda dessas pessoas, e também o setor de alimentação. Bom uma série de empreendimentos são favorecidos com esta situação, situação esta que não é nem um pouco favorável para os que pagam por estes serviços.

[...] Em todos esses momentos da reprodução do capital, a interferência do estado é fundamental e a sua ação desencadeia como consequência, um processo de revalorização, desvalorização dos lugares [...] (CARLOS, 2004, p.110)

Como Carlos (2004) nos fala o estado valoriza como desvaloriza determinado lugar. Assim é a Av. Olivia Flores em especial as proximidades da UESB, onde pode-se observar obras do governo, dentre elas a Justiça Federal, CEMAE, UFBA, estas obras valorizam os espaços e estes estão cada vez mais estimados, a pouco tempo atrás aquelas áreas eram somente “verde” e hoje espaço construído e o capital se interessa cada vez mais, espaços são transformados para atender as necessidades do consumo, da produtividade, do lucro. Carlos (2004) vem pontuar o fato quando diz:

A realidade urbana nos coloca diante de problema cada vez mais complexos, que envolve o desvendamento dos conteúdos do processo de urbanização, hoje uma tarefa que deve ser coletiva, através de um debate fundado contemplando várias perspectivas teórico metodológicos, como possibilidades abertas com a pesquisa urbana em Geografia. [...] (p.18)

Determinados investimentos são atraídos para aquela área, em contraposição algumas áreas da cidade não são atendidas como deveriam, bairros inteiros são esquecidos, investimentos da prefeitura são raros, esgotamentos sanitário quase não existe em se falando da grande demanda da cidade. É incrível notar que quando existe um certo interesse do capital os investimentos do estado são maciços mas quando não se tem esse interesse, pouco se vê a ação do estado, quem sofre com isso é a população em geral, pois sua grande maioria é formada por aqueles que não detém o poder e que por esse mesmo motivo são esquecidos, são deixados de lado.

A preocupação com os investimentos, sua aplicação ao que tem parecido é atender uma classe privilegiada, uma classe que acaba pagando para poder se reproduzir na sociedade a qual estamos inseridos.

[...] Os terrenos são muito disputados, e sobre o espaço público são estabelecidos verdadeiros loteamentos controlados por pessoas, inúmeras vezes vistas como verdadeiros “proprietários”, que algum tempo depois passam, como legítimos locadores, para recolher o fruto dos “alugueis”. (GOMES, 2006, p.177)

Como Gomes (2006) nos fala os terrenos são disputadíssimos, e pessoas ocupam esses espaços esperando a valorização do determinado terreno, do determinado imóvel e quando estes se tornam caros, ou melhor, quando são valorizados eles os veem com o objetivo da lucratividade de seus imóveis. E o autor ainda nos chama atenção para o caso de indivíduos que se apropriam de espaços públicos, tornando estes privados e impedindo a circulação das pessoas que não pode pagar para adentrarem nestes locais, para participar de alguma forma nestes espaços e produzirem suas marcas.

Roubam espaços que são públicos e armam suas estruturas e quem o “invade”, pois assim são taxados aqueles que querem ter acesso aos territórios que estão ocupados ilegalmente são tidos como usurpadores do patrimônio alheio, baderneiros, assim que são nomeados aqueles que também querem ter acesso a um espaço que é público, mas que foram “roubados” por uma elite que domina (aqui foi aberto um parêntese para se falar do movimento dos trabalhadores sem terra, MST) Intuito de deixar a observação mais acessível

ao leitor, mais contextualizada. Dando a possibilidade deste entender melhor o processo de reorganização do espaço seja ele urbano ou não. Assim aqui pode-se lembrar da demolição da tão conhecida barraca de seu Zé(entrada da UESB) que a pouco tempo teve este fim pois aquela área não o pertencia, este sendo sujeito pobre, que não possui o poder que se redimir ao que a ele foi imposto, teve de se retirar por que não era dono do terreno e como tal não poderia se beneficiar de tal direito, de tal propriedade. É interessante notar aqui esse caso, muitas vezes o governo beneficia tantas empresas que não precisam pagar certas despesas, isentos ficam de tantas coisas, mas quando no caso o que precisa de benefícios, de incentivos é o pobre esse é desamparado e até mesmo reprimido.

Pagando pelo espaço

Construção, reconstrução, modelação de terrenos com o objetivo do poder, do lucro. Os espaços naquela região estão muito apreciados e como tal os donos dos empreendimentos fazem de tudo para que as suas empresas sejam reconhecidas por todos aqueles que passam naquela região e é claro por aqueles que podem pagar.

Rolnik (1988) vai nos falar que:

[...] o próprio espaço urbano é uma mercadoria cujo preço é estabelecido em função de atributos físicos (tais como declividade de um terreno ou qualidade de uma construção) e locacionais (acessibilidade a centros de serviços ou negócios e/ou proximidade a áreas valorizadas da cidade)[...](p.63)

Como esta nos diz o espaço urbano é uma mercadoria, ele é consumido, paga-se para estar em determinados locais, e mais, paga-se caro para estar em certos locais, paga-se pelo luxo, pela estrutura implementada ali. Quanto mais as áreas são privilegiadas, com uma boa manutenção, uma boa estrutura mais caro se paga. Têm certos ambientes que são caros por causa do local, os indivíduos que consomem as mercadorias que são vendidas em certas lojas pagam pelo ambiente que estão inseridos, pagam mesmo pelo espaço.

Novas possibilidades



Figura 3: loja da virtual que futuramente será instalada nas proximidades da UESB

Fonte: SOARES, Renata Santos (2011)

Os empresários veem a possibilidade de crescimento para as suas empresas e por isso instalam-nas em espaços que estão continuamente sendo investido pelo poder publico e também pelo privado como visto na figura 3 acima. Mesmo tendo o empreendimento no centro da cidade os proprietários de lojas não perdem a oportunidade de maximizarem suas vendas e ampliam seu poder abrindo novas lojas em espaços que podem valorizar ainda mais.

Novas possibilidades para seus negócios. Vão construindo, modificando, reparando espaços que não eram tão atrativos, mas que agora precisam ser mudados “embelezados” para que os indivíduos (consumidores) passem a se interessar por seus serviços. A lógica do capital é a lucratividade. E para tal tem de ser feitas melhorias nos espaços, certas modificações para a valorização deste e com isso seu enriquecimento.

Pode-se observar pela foto 4 que onde o empreendimento está surgindo não é um local em que existam outras empresas, mas está situado em uma região que ainda não possuem tantos equipamentos, mas que estes constantemente estão sendo inseridos.



Figura 4: Arena Mira Flores(espaço de eventos situado nas proximidades da UESB)
Fonte: SOARES, Renata Santos (2011)

Locais de eventos estão sendo inseridos nessa área, antes as festas aconteciam em outros espaços, mas agora algumas já se situam nestas áreas satisfazendo os grandes empresários que cobram por estes espaços através dos ingressos que a estes são pagos.

Desde a primeira fase da era monopolista, os equipamentos e serviços coletivos – em especial aqueles diretamente vinculados à reprodução da força de trabalho, como por exemplo as atividades de ensino e saúde, servindo à formação ampliada das forças produtivas humanas –além de representarem importantes conquistas sociais da classe trabalhadora, significaram fundamental reforço para a classe capitalista no que concerne ao aumento do grau de acumulação de capital necessário à estabilização da queda da taxa de lucro (RAMOS, 2002, p. 227).

Como Ramos diz os equipamentos humanos são bons sim para os cidadãos “comuns”, mas são melhores ainda para aumentar o lucro de determinados segmentos da sociedade. Assim quando um determinado equipamento chega ele favorece sim a população, mas favorece ainda mais aos que ali investiram, visando com isso a acumulação.

A cidade enquanto construção humana, produto social, trabalho materializado, apresenta-se enquanto formas de ocupação. O modo de ocupação de determinado lugar da cidade se dá a partir da necessidade de realização de determinada ação, seja de produzir, consumir, habitar ou viver. (CARLOS, 1997, p.45)

Assim como Carlos assevera a cidade se produz a partir das relações estabelecidas e como é produto de relações humanas estas que acabam definindo e modelando o espaço. As interferências humanas podem ser de habitação, produção e consumo mas lembrando que todas essas ações acabam que envolvendo o lucro.

Considerações finais

O espaço urbano é constantemente modificado para atender as exigências do mercado, criam-se estruturas em benefício do capital, obras públicas são investidas em espaços que antes eram “vazios”. Pessoas se deslocam de seus locais de origem para serem atendidas, e quem ganha mais com isso são os proprietários de investimentos que se reproduzem através dessas ações do governo que viabilizam seus atos “empreendedores”, estes por sua vez junto ao poder público modela o espaço conforme as suas necessidade e não o da população, os investimentos objetivam suas melhorias, seus benefícios e não de outrem. Quem produz o espaço são todos mas quem é beneficiado é somente uma parte da sociedade, ou seja, aqueles que tem poder.

Referências

CARLOS. Ana Fani A. **A cidade**. 3 ed. São Paulo. Contexto. 1997.

CARLOS. Ana Fani A. **O espaço Urbano: Novos escritos sobre a cidade**. São Paulo. Editora Contexto. 2004.

CORRÊA, Roberto lobato. **O espaço urbano**. 2º edição. São Paulo. Atica. 1993.

GOMES, Paulo Cesar da costa. **A Condição Urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. 2 ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2006.

RAMOS, Maria Helena Rauta (org.). **Gestão social dos equipamentos e serviços coletivos**. In:

Metamorfozes sociais e políticas urbanas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ROLNIK. Raquel. **O que é cidade**. 2ºed. São Paulo. 1988. Brasiliense.

TEMPOS, ESPAÇOS E REPRESENTAÇÕES
ABORDAGENS GEOGRÁFICAS E HISTÓRICAS 14 A 16 OUT 2013 – UESB